



A INTERVENÇÃO DO DESIGNER DE MODA NO ARTESANATO: SOCIALIZAR PARA RESSIGNIFICAR.

The intervention of fashion design in handicrafts: socializing to resignify.

Lima, Márcio Soares; Mestre em Design, Instituto Federal do Maranhão,
márcio.lima@ifma.edu.br¹

Silva, Lucilene Rodrigues da; Especialista em Negócios e Stylist de Moda;
Instituto Federal do Piauí, luci.unica@hotmail.com²

Silva, Elisângela Tavares da; Mestre em
Turismo e Hotelaria, Instituto Federal do Maranhão,
elisangela.silva@ifma.edu.br³

Resumo: O artigo objetiva socializar e resignificar, resultados da dissertação de mestrado de um professor do IFMA, Campus São João dos Patos - MA, para a sociedade, e, em especial às bordadeiras de uma comunidade artesanal, que, além de terem sido fonte de informação e conhecimento, foram também inspiração para toda a pesquisa.

Palavras chave: Artesanato; ensino; qualificação do docente.

Abstract: The article aims to socialize and re-significate the results of the Master's thesis of an IFMA teacher, Campus São João dos Patos - MA, for society, and especially the embroiderers of a craft community, who, besides being a source of information and knowledge, were also inspiration for all research.

Keywords: Crafts; teaching; qualification of the teacher.

Introdução

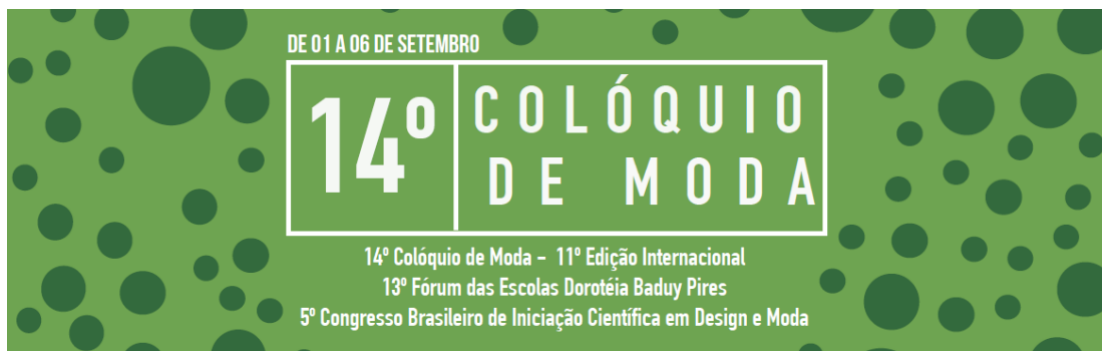
Estes escritos têm por objetivo socializar num evento, resultados da dissertação de mestrado de um professor do IFMA, Campus São João dos Patos - MA, para a sociedade, e em especial às artesãs que, além de terem

¹ Professor do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, nas disciplinas técnicas de modelagem e, história da moda.

² Professora substituta do Instituto Federal do Piauí - IFPI, nas disciplinas técnicas de modelagem e costura.

³ Professora do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, nas disciplinas técnicas de modelagem e, história da moda.





sido fonte de informação e conhecimento, foram também inspiração para toda a pesquisa.

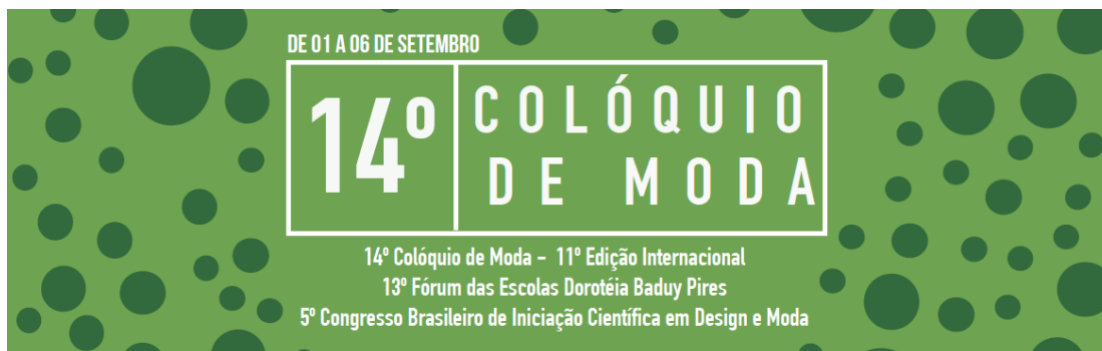
Como metodologia, o evento teve caráter expositivo, com uma palestra proferida pelo autor da dissertação, com apoio técnico e logístico de professores da área. Na explanação foi abordado o tema pesquisado, a metodologia aplicada, as análises dos resultados, além de discussão com os envolvidos diretos na pesquisa, o que fez sentido pelo retorno que lhes foi dado.

A execução do evento, além de atender ao cumprimento do capítulo VI, e artigo VIII, da Resolução 84/IF de 05/10/2011, que trata do retorno dos resultados da pesquisa à sociedade, no período de afastamento de servidores de Institutos Federais para participar de Programas de Pós-graduação Stricto Sensu no país, também suscitou reflexões importantes, envolvendo entraves na cadeia produtiva e discussões sobre o saber tradicional das artesãs e o saber acadêmico dos designers de moda.

Para compreendermos melhor esse processo, apresentaremos conceitos importantes sobre design, artesanato e a relação entre eles, afim de que nos auxilie nas nossas análises posteriores.

Design, a partir do que nos diz Thackara (2008), é uma prática inovadora e criativa com o potencial de transformar sociedades e contribuir para o desenvolvimento social. Dessa forma, é requerido ao designer além de sua capacidade projetual, um aprofundamento social no campo de atuação que lhe possibilite fazer associações entre elementos, códigos e conceitos de sentidos múltiplos, oriundos de modelos comportamentais diversos. Logo, em um contexto de complexidade, como nos aponta Cardoso (2016).

O tema artesanato é tratado por Lima (2010) em sua dimensão simbólica, considerando um tripé formado pelo artefato, como produto do fazer



humano; o artesão, como o eixo da existência artesanal nos objetos que cria e suas referências de lugar e memórias e o consumidor, aquele que busca não apenas o objeto em sua materialidade, mas também histórias de lugares e pessoas que habitam nesses objetos.

Sobre aquele que produz artesanato, Sapienzienkas (2012) nos diz que uma artesã não se torna uma artesã apenas porque está empregando uma técnica artesanal, mas porque está inserida em um contexto em que ser uma artesã possui um significado social em articulação com outros significados dos quais ela compartilha.

Ao definir o que é ser artesã, a própria nos diz:

É construir. Construir a vida dia a dia. Quando você senta para fazer um artesanato, que você apronta aquela peça e que você olha aquela peça, você vê que botou aquilo que tinha dentro de você ali... a sua história, né? Porque naquele momento que você organiza as cores, de você escolhe os motivos que você vai trabalhar, os detalhes daquele motivo, ele expressa até como você está! Então, pra mim, ser artesã é isso.⁴

Quando consideramos o saber-fazer das artesãs da AMAC vemos um cenário onde outros atores sociais são acionados, tais como: atravessadoras, irmãs de caridade, consumidores, entre outros. Mesmo delimitando essa pesquisa aos designers, desconsiderar os outros é um equívoco que de antemão reconhecemos. Aqui, entendemos esse contexto como ele é: complexo.

A socialização

O retorno à São João dos Patos depois de dois anos de mestrado levou o pesquisador a refletir diversas formas de fazer design, de fazer moda, do fazer em sala de aula, e do fazer não simplesmente para o consumo.

⁴ Artesã da AMAC, entrevista dada ao autor, em junho, 2017.



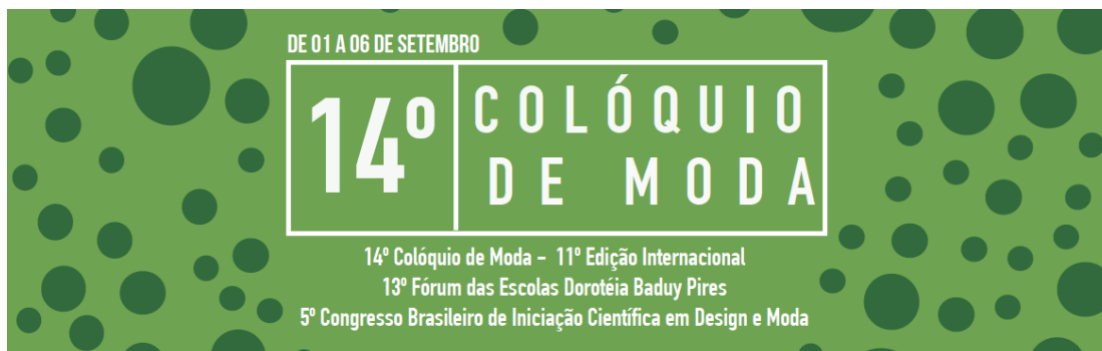


Figura 1: logomarca da associação



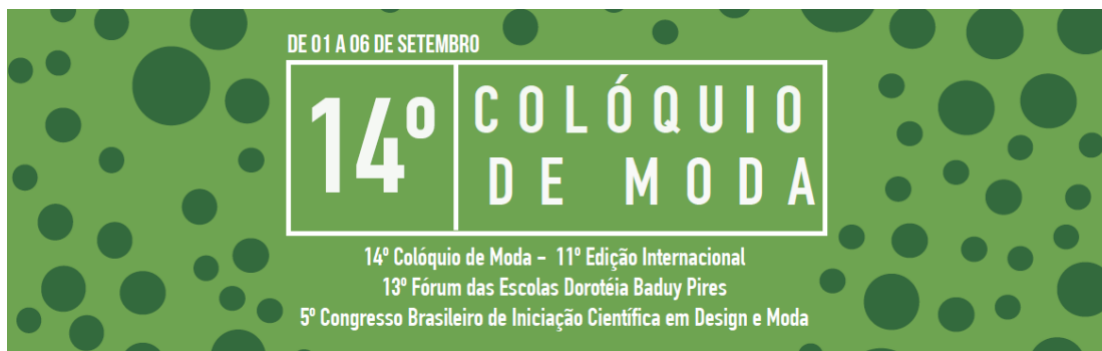
Fonte: AMAC

Nesse sentido, ao retornamos à AMAC com o intuito de trazer os resultados que a pesquisa de dois anos me forneceu, percebi que esse tempo de reflexão para mim, também foi de reflexão para a AMAC e para cada uma das bordadeiras que congregam aquele lugar. Entendi que houve uma ideia de progresso, diferentemente daquele que eu tinha há dois anos. Aquele progresso simplesmente atrelado ao permanente acúmulo de bens materiais.

Acionamos Acosta (2016) com o tema do seu livro “o bem viver”, e iniciamos a nossa conversa com esse questionamento para uma das artesãs, que

O bem viver é uma oportunidade para construir uma outra sociedade, sustentada numa convivência harmoniosa, pautada no respeito à natureza e às diferenças, a partir do conhecimento do outro... e isso a gente faz muito aqui: conhecer o outro. Nosso trabalho lento e reflexivo nos dá a oportunidade de ter essa relação mais próxima umas com as outras, e com os nossos clientes também.⁵

⁵ Artesã da AMAC, entrevista dada ao autor, em junho, 2018.



Quando pensamos em viver bem na sociedade em que vivemos, falamos de consumo, de como a gente se veste, que artefatos nós utilizamos dentro do nosso lar, ou do nosso convívio pra ter acesso à uma sociedade muitas vezes injusta. A artesã com sua fala acima questionou sobre o uso e consumo absurdo de falando de celulares, computadores, carros, tudo que se vai comprando e acumulando como forma de viver bem, ter conforto, de estar inserido num sistema de comunicação.

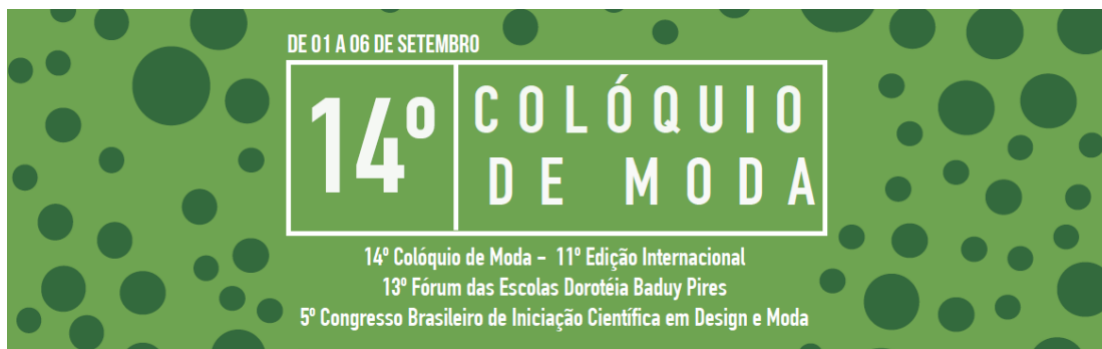
Acosta (2016) traz em seu livro a ideia de uma perspectiva completamente oposta, que nega completamente o consumo. A proposta do livro, que parece uma utopia, é, na verdade, um grito de socorro para fazermos nossas pequenas revoluções. E é sobre isso que precisamos estar atentos, precisa aguçar a curiosidade para fazer esses questionamentos que fizemos antes, durante e depois da pesquisa.

A apresentação

A culminância do projeto: A intervenção do design no artesanato: socializar para ressignificar se deu na AMAC com a reflexão de diversos pontos pertinente e urgentes para a associação e para nós. Iniciamos com os entraves da cadeia produtiva.

Lia Krucken (2009) nos ajuda a entender essa cadeia como um grupo de etapas encadeadas, elementos e processos dispostos em uma mesma atividade onde, no final aparecerá um produto, desde seu projeto até o produto acabado. Nesse conjunto de procedimentos “estão envolvidos as pessoas que produzem e as que consomem o produto” (NORONHA, 2011, p. 45).





Apresentamos a cadeia produtiva da produção do bordado na AMAC, e as características a elas relacionadas. Uma descrição das próprias bordadeiras, com a preocupação de obtermos uma visão geral deste artesanato feito na cidade de SJP-MA.

Sobre a consultoria em design, tema chave da dissertação, iniciamos trazendo o confronto do mundo das palavras com o mundo dos gestos, onde apresentamos os conceitos de consultoria vista por autores que lidam com essa categoria.

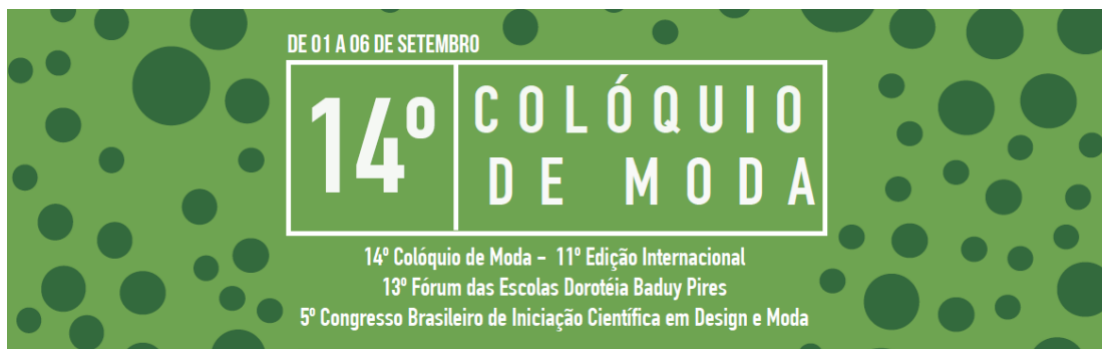
Kubrusly e Imbroisi (2011), através de suas experiências, identificam as seguintes etapas de consultoria em design: diagnóstico da comunidade artesanal, planejamento das atividades, capacitações paralelas, oficinas, gestão comercial e acompanhamento posterior.

Escobar (2016), por outro lado, critica a ideia de passo a passo da consultoria em design, justificando que esta ideia está dentro de um paradigma ocidental, pautada numa forma de projeto onde há a imposição, e essa forma de impor pode não ser no trato, na fala, mas pode a partir de uma metodologia.

Entendemos que essa discordância entre os autores foi fundamental para situarmos a AMAC num contexto onde o SEBRAE, instituição que assiste a associação, traz esse passo a passo, citado acima, acaba anulando outras possibilidades do processo criativo dos sujeitos envolvidos, e que, de certa forma, pautamos o processo que consideramos certo para o outro.

Outro tema abordado na palestra foi o artesanato como aprendizagem, qualidade e conhecimento. E assim, de acordo com o Conselho Mundial do artesanato, se classifica como toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.





Sobre padronização, fiscalização e a comercialização como valores da produção artesanal, refletimos sobre o modo tradicional de ver as coisas.

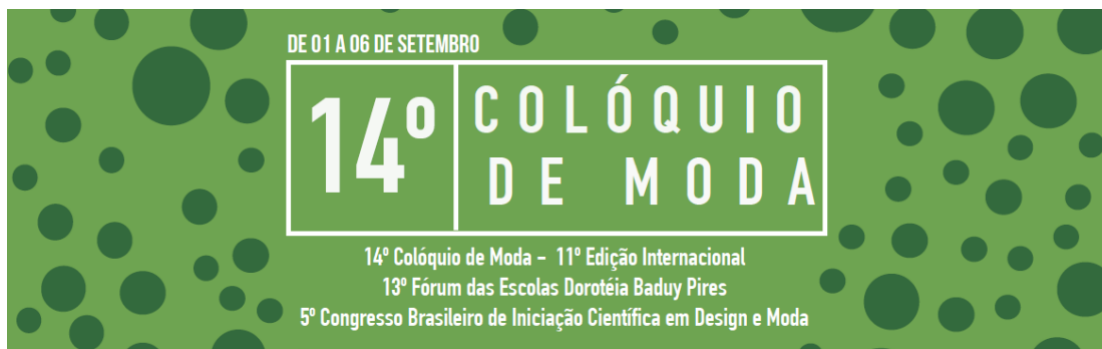
Respeito, tempo e confiança foi o tema em que fechamos nossa reflexão naquela manhã. Na verdade, entendemos esses assuntos como pressupostos básicos e iniciais da aproximação entre designers e artesãos. E esse respeito só vem com o conhecimento de ambas as partes. É o que dizem os atores desse processo, quando, na fala da artesã ele se refere ao consultor: “ele não interfere no que a gente faz. Sempre pergunta se a gente aceita a tal proposta”, e igualmente o consultor, ao afirmar: “elas respeitam as minhas ideias, mesmo que não acatem, não acham que estou querendo passar por cima do saber delas, que é de vivência e experiências”.

Figura 2: Apresentação da palestra na AMAC



Fonte: elaborada pela equipe do projeto de extensão.

Em São João dos Patos, os designers que ali trabalharam puderam constatar que através do respeito muitas portas podem ser abertas, assim como muitas também podem ser fechadas. Percebemos que quando as artesãs se referem a palavra “porta”, não dizem somente sobre a porta principal



da associação em que elas bordam, mas a porta de suas casas, onde muitas vezes são abertas para uma boa conversa, um café e, principalmente para partilharem suas histórias de vida.

A ressignificação

Após o momento de apresentação da dissertação, foi o momento de socialização, ressignificação e reflexão dos temas abordados.

Irmã Rosário, freira da congregação Chamberry, uma das fundadoras da AMAC, viu o trabalho de pesquisa como um registro importante na história de São João dos Patos, mais especificamente para as bordadeiras. Considerou o trabalho com o cunho mais humanístico, e comenta:

Então, senti que na sua busca, na sua pesquisa, claro que você precisava fazer nessa defesa, mas onde você coloca o acento é sempre na humanização da pessoa, do ser, da associação, do grupo, o respeito como que você leva em conta a realidade das pessoas, então isso é uma riqueza extraordinária.⁶

Nesse sentido acionamos mais uma vez o bem viver trazido por Acosta (2016) para refletirmos tais questões. A Irmã continua, afirmando que no início a AMAC surgiu como um grito de socorro das bordadeiras contra a exploração das atravessadoras. Após mais de vinte anos de existência, hoje a AMAC pede socorro para que as portas não se fechem, por falta de encomendas, vendas e capital humano.

Como proposta, a freira pediu que nas reflexões fizéssemos uma nova leitura da AMAC diante do contexto de crise em que estamos vivendo. Sugere e vislumbra possibilidades dessa dissertação ser apresentada, por exemplo, na câmara de vereadores, pois não há registro científico estudado sobre a

⁶ Fundadora da AMAC, em entrevista dada ao autor, em junho, 2018.





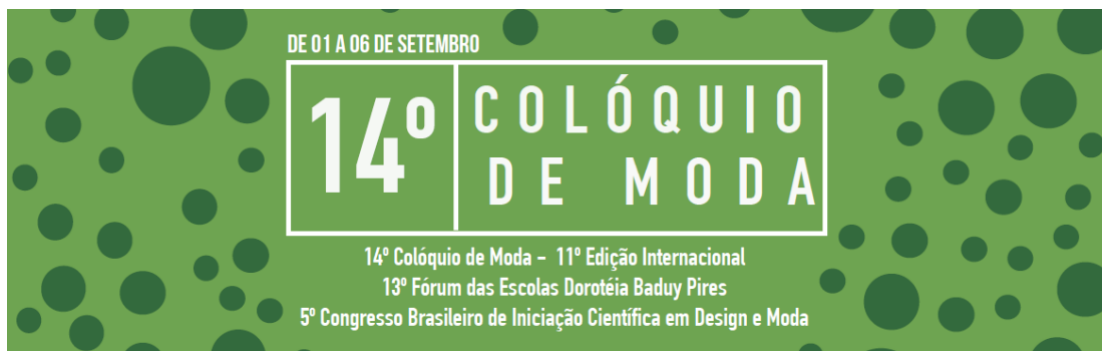
realidade de São João dos Patos. E isso é uma necessidade para que a identidade da cidade não desapareça como está acontecendo, e assim, desaparecer também o título da cidade dos bordados, segundo a freira.

O diretor do IFMA, campus São João dos Patos, esteve presente na palestra e se colocou à disposição em ajudar dentro das limitações da instituição. Elencou o “resgate” como ponto principal da pesquisa. Continua dizendo que “esse resgate só aconteceu a partir do momento em que você buscou na associação uma referência, fator primordial pra que você conseguisse realmente ter êxito no seu mestrado, no seu trabalho”.

As artesãs, representada pela presidente da Associação, entenderam que com esse registro, através da pesquisa, que conta a história delas, história de vida, de lações de solidariedade, de família, do saber fazer, vai facilitar para que as pessoas, e principalmente conheçam de fato o que é a AMAC e quem são essas mulheres que lutam e desafiam o tempo de as dificuldades para se manterem firmes ajudando a segurar o título de capital dos bordados desde faz tempo, afirma ela.

Muitas reflexões importantes aconteceram naquela manhã, e tivemos a certeza e a sensação de um dever cumprido. Não por levarmos soluções para aquele lugar, mas pelo retorno que, muitas vezes, por diversas vezes e instâncias, elas não tem.





A forma

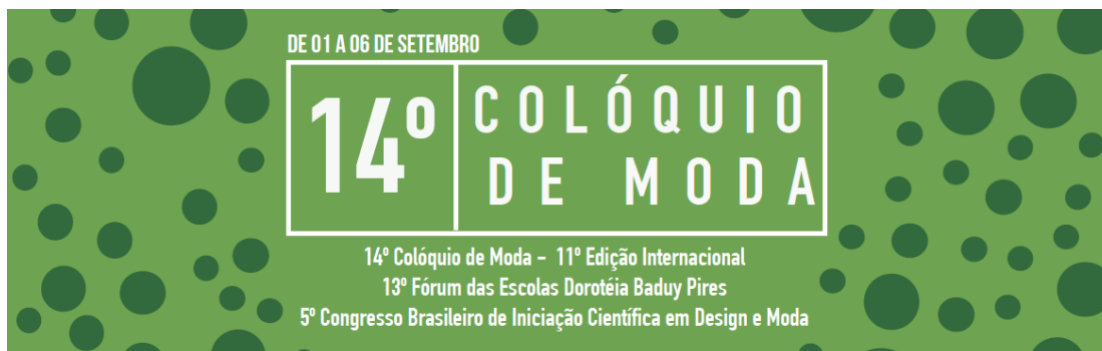
O projeto A atuação do design no artesanato: socializar para ressignificar, utilizamos uma metodologia focada na culminância do projeto, que foi a palestra de apresentação da dissertação de mestrado, intitulado: o avesso: limites e alcances da consultoria em design na AMAC, em São João dos Patos-MA, com o intuito de socializar os dados encontrados em dois anos de estudo.

Segundo Ingold (2015), o conhecimento se dá por meio da prática com as pessoas envolvidas continuamente pela percepção concreta, no sentido de estar com e sentir o outro, e na ação dentro de um campo de relações estabelecidas por meio da imersão junto ao objeto pesquisado. Essa socialização aconteceu no dia 03 de julho de 2018, na sede da AMAC, em São João dos Patos-MA.

O evento aconteceu com coordenação do professor autor do projeto e com apoio de uma equipe de professores e técnicos do IFMA. A divulgação foi realizada por meio de grupos de mídias sociais, contato telefônico e por meio de contato pessoal.

O público estimado seriam as bordadeiras da AMAC, a fundadora da Associação, alunas do curso técnico em vestuário do IFMA, além de professores e técnicos da instituição. O controle de presença foi realizado por meio de folha de frequência, para que pudéssemos ter o contato





dessas pessoas que participaram, para que estivessem conosco em outros momentos a serem planejados.

A apresentação aconteceu em forma de palestra, com o auxílio do projetor de imagem, onde ilustramos o contexto geral da AMAC, a metodologia que utilizamos na pesquisa e os dados colhidos e analisados.

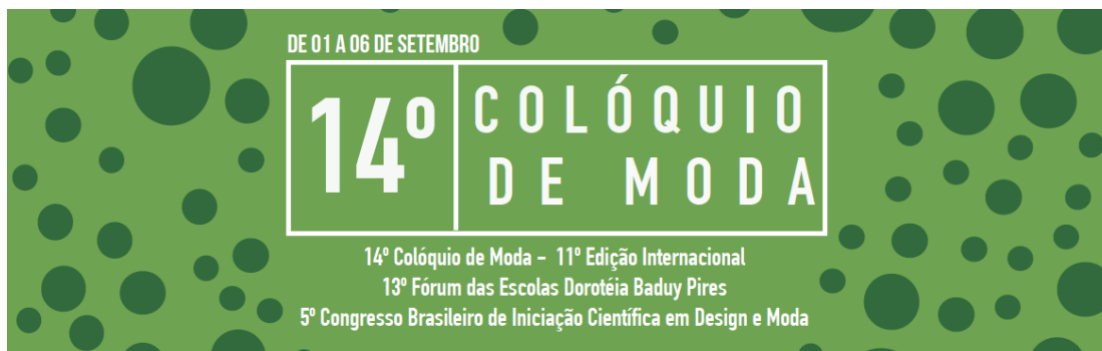
Ao finalizarmos a palestras, as discussões que os temas suscitaram, realizamos uma breve avaliação do evento e uma dinâmica de sugestões para propostas futuras, onde acolhemos todas e, posteriormente iremos transformá-los em novos projetos de extensão dentro dos limites que nos possibilitam.

Acionamos novamente Ingold (2015) e entendemos a informação como abertura de caminho para o conhecimento, que marca os sujeitos da pesquisa pela experiência e cresce dentro de cada um. Entendemos, portanto, a socialização destas informações como ressignificação para cada indivíduo envolvido no percurso desta pesquisa.

Considerações finais

A pesquisa de mestrado trouxe a tona vários questionamentos para os pesquisadores, as bordadeiras e a comunidade envolvida. Assim, o projeto de pesquisa com culminância na palestra na AMAC, a instituição a qual nos referenciamos, que tem como pilares: a pesquisa, o ensino e a extensão, também cumpre com o seu papel social quando expande para a





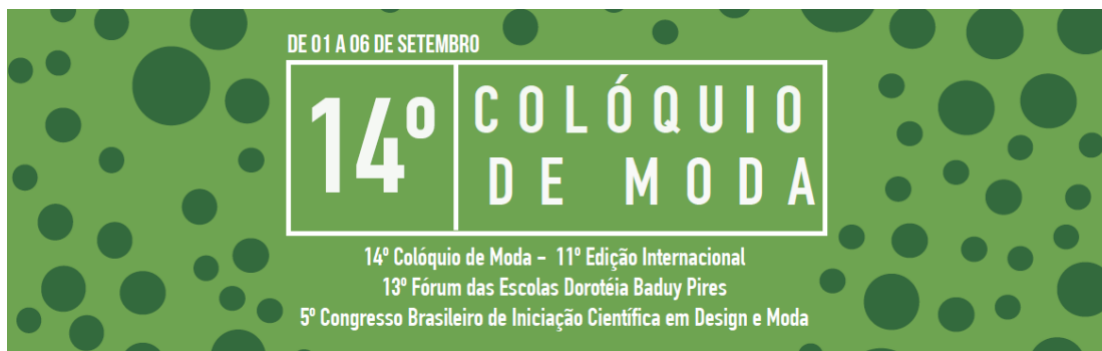
comunidade de modo geral informações sobre temas referentes ao estímulo de reflexões sobre o artesanato, design, educação e outros.

Diante do exposto, da sensibilização com as bordadeiras e comunidade envolvida, da apresentação da dissertação de mestrado do professor que pesquisou o dia-a-dia das bordadeiras e diante da importância e cumprimento da Lei que trata do retorno dos resultados da pesquisa à sociedade, refletimos e decidimos alguns encaminhamentos acerca do que de fato e de concreto faríamos para envolver a AMAC no âmbito da educação do IFMA.

Inicialmente fizemos uma relação de cursos e oficinas para planejarmos no segundo semestre do corrente ano, com a ajuda de professores e técnicos do IFMA, no intuito de contribuirmos com essa missão da instituição, que é levar educação para fora dos muros da escola.

Posteriormente foi pensado em contatos individuais com alguns vereadores, uma mobilização na sociedade, e, a partir daí, uma audiência pública, para que todos conheçam o contexto da AMAC e a situação das mulheres que bordam em São João dos Patos.

A execução das propostas apresentadas no evento será planejada, ponderadas e executadas como cursos de extensão em forma de oficinas, capacitações ou de outras maneiras, dentro das possibilidades de todos os envolvidos.



Avaliamos como bem sucedida a socialização da produção científica como uma exigência institucional que ganha projeção, suscita reflexões e novas práticas. De fato, vimos o conhecimento ultrapassar os muros da instituição e chegar à comunidade em geral.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: autonomia literária, 2016.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. Ubu Editora. São Paulo: 2016.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño. La realización de lo comunal**. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

KUBRUSLY, Maria Emilia; IMBROISI, Renato. **Desenho de fibras: artesanato têxtil** o Brasil. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

LIMA, Ricardo Gomes. **Objetos: percursos e escritas culturais**. São Paulo, 2010.

NORONHA, Raquel (org.). **Identidade é valor: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara**. São Luís: EDUFMA, 2011.

SAPEINZINKSAS, Aline. **Como se constrói um artesanato – negociações de significado e uma "cara nova" para as "coisas da vovó"**. Horiz. antropol. vol.18 no.38 Porto Alegre July/Dec. 2012.

THACKARA, J. **Plano B: O design e as alternativas viáveis em um mundo complexo**. São Paulo: Saraiva, 2008.

